

SERTÃO DE DENTRO

Sinopse da obra:

Ao mesmo tempo em que se propõe a revisitar o sertão de hoje e reelaborar temas que, com o passar dos anos e das transformações sociais por que passou o país, não mais se apresentam da maneira como foram documentados uma vez, em mais de uma dezena de filmes - de *Viramundo*(1964/5), sobre a migração de nordestinos para São Paulo, a *A Terra Queima* (1984), uma análise das razões sociais que levam ao êxodo rural - o documentarista Geraldo Sarno retorna ao sertão de sua infância, e busca aí as razões que o levaram a fazer cinema e a tornar esse tema, o sertão, centro de sua ação criativa.

Episódios:

1) A TERRA – Um ensaio sobre 200 anos de luta pela posse da terra, no sertão da Bahia. Em quatro blocos mostram-se fazendas escravagistas da época do império, fazenda empresa familiar do século XX e, por fim, um assentamento rural e um acampamento do MST de nossos dias.

2) O VELHO E O NOVO –Quatro personagens que convivem no sertão de hoje: um velho vaqueiro dos tempos em que se vaquejava nas grandes extensões de fazendas sem cercas; um garoto que mobiliza colegas do 1º. Grau para realizar filmes de ficção; um rezador de 104 anos de idade; uma garota que vive solitária, com a mãe, e encontra sua realização na atividade artística.

3) FRONTEIRAS – As práticas tradicionais de sobrevivência dos pequenos agricultores, na caatinga, que convivem com os novos conhecimentos e tecnologias; o conhecimento dos habitantes dos quilombos e dos indígenas.

4) OS FILHOS DE DONA ZEFA E SEU CISSA - Cap. 1 – O reencontro com dona Zefa, seu Cissa e seus 12 filhos, na Lagoa do Saco, Monte Santo, Bahia, que filmamos em 1984 para o documentário *A Terra Queima*. Hoje o casal está separado. A organização comunitária permitiu que superassem as dificuldades de sobrevivência. Além de dona Zefa e seu Cissa, vemos como alguns dos filhos tiram o sustento da terra e do trabalho comunitário.

5) OS FILHOS DE DONA ZEFA E SEU CISSA - Cap. 2 – A Escola Família de Monte Santo, que adapta o ensino de 1º. e 2º graus às necessidades da vida na caatinga, foi sem dúvida o grande fator de transformação da vida na família. O programa destaca três dos filhos: Ed Carlos, professor na Escola, Evanildo que,

forçado a não concluir o curso, trabalhou por dois períodos em São Paulo e hoje dedica-se a trabalhar a terra, e Daniel, o mais jovem, que faz o curso de engenharia agrônoma na Universidade de Paripiranga, Bahia.

6) OS FILHOS DE DONA ZEFA E SEU CISSA - Cap. 3 – Dois filhos trabalham em São Paulo: Jackson e Marleide. O primeiro como gerente de supermercado e a segunda em um hotel. Moram no mesmo edifício, na rua Paim. Os acompanharemos no trabalho, na vida doméstica, na vida do bairro; veremos como se sentem na grande metrópole e a relação que mantêm com a família no sertão.

7) CANUDOS – Em *A Terra Queima (1984)* e *Deus é um fogo (1985)*, mostramos a organização dos camponeses, inspirados pela teologia da libertação, tendo como referência Antônio Conselheiro. Hoje, passados 33 anos, veremos o que restou de todo desse movimento.

8) OS PANKARARÉ – Em 1984, os índios Pankararé, mobilizados pelo cacique Lelo (Manoel Pereira Xavier), demarcavam suas terras à revelia da FUNAI. Hoje, Lelo divide a liderança da comunidade com outros caciques, entre eles Afonso Enéas Feitoza, líder religioso que organiza, no Centro de Ciência e Conhecimento do Amaro, ao céu aberto, um culto festivo a cada mês de outubro. Em São Paulo, o irmão de um casado com a irmã do outro, mantém um culto onde mesclam ritos indígenas e africanos.

9) QUILOMBO – A vida nos quilombos. No quilombo da Lagoa do João, Poções, Bahia, Dona Maura, mestre no uso de plantas e rezas, mostra o seu vasto conhecimento tradicional, enquanto no quilombo Comunidade Quilombola de Bebedouro, de Bom Jesus da Lapa, também na Bahia, o jovem estudante Abraão Rodrigues Borges Filho, que frequenta a EFASE, a Escola Família Agrícola do Sertão, de Monte Santo.

10) O REI DO BODE - O mundo rural nordestino é palco, desde alguns anos, de grandes projetos modernizadores: transposição do Rio São Francisco; estradas de ferro que cortam o sertão na direção norte/sul e leste/oeste, ligando o Atlântico ao Pacífico; grandes projetos agroindustriais que, após terem conquistado o cerrado, parecem dirigir-se agora para as terras do sertão. Não apenas buscam adaptar variedades de plantas ao bioma sertanejo, como também animais de criação mais adaptados e resistentes ao clima. Notável nessa área é a introdução de novas raças de caprinos e ovinos. Miguel Rodrigues Lima, criador de caprinos em Mirante, com suporte de uma grande empresa agroindustrial, a RIOCON, dedicou-se à criação de uma nova raça de caprinos.

11) O SEMINÁRIO – Na Escola de Cinema da UESB, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, um seminário organizado pelos professores Auterives Maciel e Milene Silveira Gusmão, discutiu a realização desta Série. Na ocasião foram projetadas imagens já filmadas, além do documentário *A Cantoria* (1969) e *O Último romance de Balzac* (2010). O resultado deste seminário será tema deste episódio.

12) ZABUMBA – Filosofia, ciência, arte e sertão discutidos por Auterives Maciel, filósofo e professor de psicologia, na PUC, Rio de Janeiro, Sérgio Neuenschwander, neurocientista, professor da disciplina “neurocinema”, na Universidade Federal de Natal, Rio Grande do Norte, e Tom Zé, músico nordestino.

13) PAU-FERRO – A câmara, documental ou não, filma e se filma. Filma o que está posto ou se posta frente às lentes, e documenta, inefável, o percurso da mente que determinou aquela forma de olhar o que se filma. A Imagem deflagradora é a de alguém que, quase setenta anos depois, revisita o Pau Ferro, árvore da memória, na Fazenda Caititu, em cujo tronco forte, aos oito anos, treinava tiros de espingarda. O apontar, o mirar, ou seja, a educação do olhar, não apenas é fundamento de atividades como a caça ou as artes marciais como, também, das ciências, da filosofia, das artes em geral e do cinema, especialmente. Retornamos à cidade do menino, a de hoje e a de ontem, a que se dispõe frente às lentes da câmara e a inefável, da memória; cidade do Tio e Padrinho, de LiroÔco, do Padre Honorato, de Alcides Batatinha, o pastor evangélico, dos poetas Afonso Manta e Ruy Espinheira Filho. O pai, a mãe, os tios, os primos, a Igreja, as praças, o Grupo Escolar Alexandre Porfírio, a igrejainha de Morrinhos, a Festa do Divino padroeiro. Tudo é memória. Isso já foi? O menino que continua a apontar e a atirar no tronco do Pau-Ferro... Tudo mudou? Como num desfile de imagens akáshicas, passado e presente se confundem, menino e velho são um só, enfim reencontrados, num espaço vazio em frente a uma árvore.

FIM